

SÓ O TEMPO DIRÁ

JEFFREY ARCHER

AS CRÓNICAS DE CLIFTON

VOLUME UM

# SÓ O TEMPO DIRÁ

Tradução de  
FERNANDA OLIVEIRA



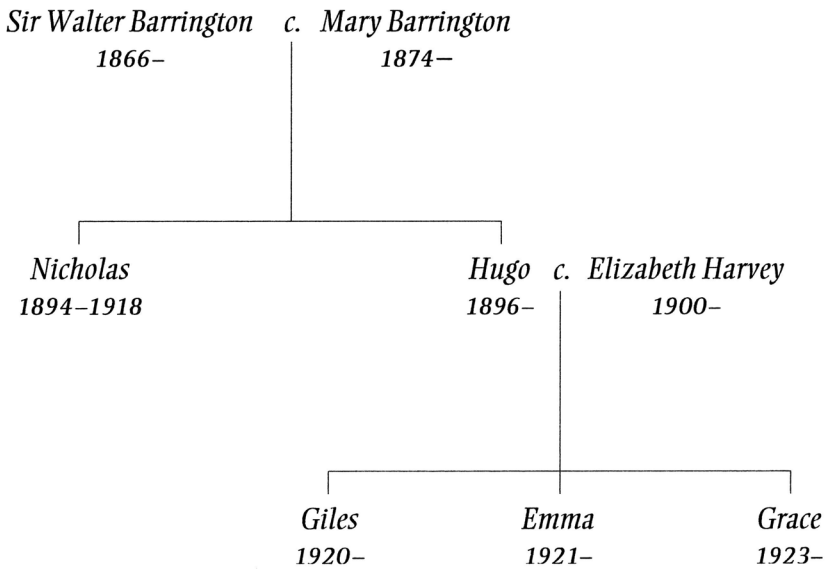
BERTRAND EDITORA

Lisboa 2015

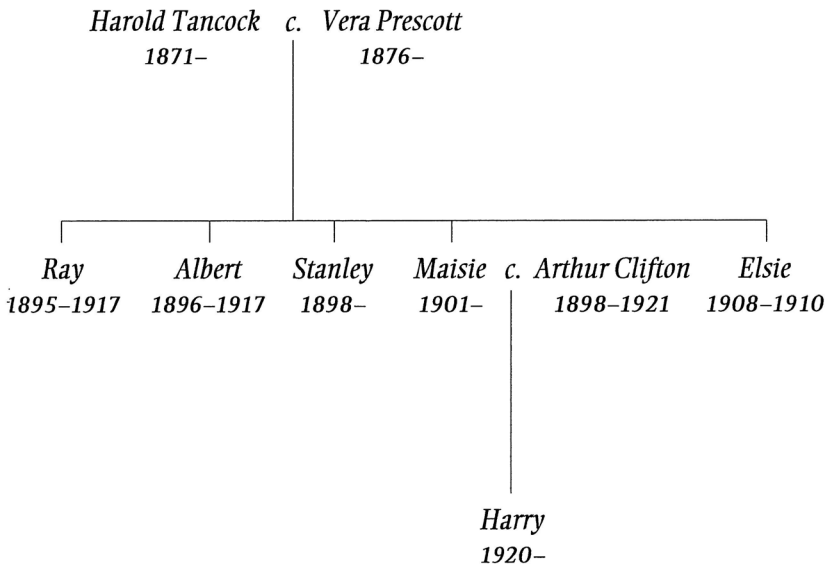
ALAN QUILTER  
1927-1998

Os meus agradecimentos vão para as seguintes pessoas,  
pelos seus preciosos conselhos e pesquisa:  
John Anstee, Simon Bainbridge, John Cleverdon,  
Eleanor Dryden, George Havens, Alison Prince, Mari Roberts,  
Susan Watt, David Watts e Peter Watts

OS BARRINGTON



OS CLIFTON



MAISIE CLIFTON

1919

## PRÓLOGO

Esta história nunca teria sido escrita se eu não tivesse ficado grávida. Note-se que sempre planeei perder a virgindade na excursão do pessoal a Weston-super-Mare, mas não propriamente com aquele homem.

Arthur Clifton nasceu em Still House Lane, tal como eu; até frequentou a mesma escola, a primária de Merrywood, mas como eu era dois anos mais nova, ele nem dava pela minha existência. Todas as raparigas da minha turma tinham uma paixoneta por ele, e não era só por ser o capitão da equipa de futebol da escola.

Embora Arthur nunca tivesse demonstrado qualquer interesse por mim enquanto andei na escola, isso mudou pouco depois de ele ter regressado da Frente Ocidental. Nem sequer tenho a certeza de que ele soubesse quem eu era quando me convidou para dançar naquele sábado à noite, no Palais, mas, para ser justa, também tive de olhar duas vezes para o reconhecer, porque ele tinha deixado crescer um bigodinho e trazia o cabelo penteado para trás, como Ronald Colman. Não olhou para nenhuma outra rapariga nessa noite e, depois de termos dançado a última valsa, percebi que era apenas uma questão de tempo até me pedir em casamento.

Arthur deu-me a mão no caminho de volta a casa e, quando chegámos à porta da entrada, tentou beijar-me. Virei a cara. No fim de contas, o reverendo Watts tinha-me dito vezes suficientes que devia manter-me pura até ao dia do casamento, e Miss Monday, a professora do coro, avisou-me de que os homens só queriam uma coisa e, quando a conseguiam, rapidamente perdiam o interesse. Perguntava-me muitas vezes se Miss Monday falaria por experiência própria.

No sábado seguinte, Arthur convidou-me para ir ao cinema, para ver Lillian Gish em *O Lírio Quebrado*, e embora tivesse permitido que ele me



pusesse o braço por cima do ombro, continuei a não o deixar beijar-me. Ele não fez espalhafato. A verdade é que Arthur era bastante tímido.

No outro sábado, deixei-o beijar-me, mas, quando ele tentou pôr uma mão dentro da minha blusa, empurrei-o. Na verdade, não o deixei fazer isso até ele me ter pedido em casamento, comprado uma aliança e o reverendo Watts ter lido os banhos uma segunda vez.

O meu irmão Stan disse-me que eu era a última virgem conhecida daquele lado do rio Avon, embora eu desconfie que ele dizia isso tendo em mente a maior parte das suas conquistas. Seja como for, decidi que tinha chegado a altura, e que melhor ocasião para isso do que a excursão a Weston-super-Mare com o homem com quem ia casar dentro de algumas semanas?

Porém, assim que Arthur e Stan saíram do charabã, foram direitinhos ao *pub* mais próximo. Mas eu tinha passado o último mês a planear aquele momento, por isso quando saí da carruagem, estava preparada como uma boa escuteira.

Ia a andar em direção ao molhe, bastante desgostosa, quando percebi que alguém me seguia. Virei-me para trás e fiquei surpreendida quando vi quem era. Ele alcançou-me e perguntou se eu estava sozinha.

— Sim — disse eu, ciente de que por esta altura Arthur já iria na terceira cerveja.

Quando ele pôs a mão no meu rabo, devia tê-lo esbofeteado, mas não o fiz por várias razões. Para começar, pensei nas vantagens de ter sexo com alguém com quem provavelmente não voltaria a cruzar-me. E tenho de admitir que me senti lisonjeada pelos seus avanços.

Quando Arthur e Stan deviam ir na oitava cerveja, já ele tinha reservado um quarto numa residencial mesmo em frente ao mar. Parecia ter um preço especial para hóspedes que não planeavam passar lá a noite. Ele começou a beijar-me ainda antes de termos chegado ao primeiro patamar e, mal a porta do quarto se fechou, desabotoou-me a blusa. Era óbvio que não era a sua primeira vez. Caso contrário, como saberia do preço especial?

Devo confessar que não estava à espera de que tudo terminasse tão rapidamente. Depois de ele ter saído de cima de mim, fui para a casa de banho, enquanto ele se sentava na borda da cama e acendia um cigarro. Talvez fosse melhor da segunda vez, pensei. Mas quando saí de lá ele tinha desaparecido. Tenho de reconhecer que fiquei desapontada.

Era capaz de me ter sentido mais culpada por ter sido infiel a Arthur, se ele não tivesse vomitado em cima de mim na viagem de regresso a Bristol.

No dia seguinte, contei à minha mãe o que tinha acontecido, sem dizer quem era o fulano. No fim de contas, ela não o conhecia e era provável que nunca viesse a conhecer. A minha mãe disse-me para ficar de boca calada, pois não queria ter de cancelar o casamento e, mesmo que estivesse grávida, ninguém perceberia, uma vez que eu e Arthur já estaríamos casados quando alguém desse por isso.

HARRY CLIFTON

1920-1933

Disseram-me que o meu pai tinha morrido na guerra.

Sempre que eu inquiria a minha mãe sobre a sua morte, a única coisa que ela dizia era que ele fazia parte do Regimento Real de Gloucestershire e tinha sido morto em combate na Frente Ocidental dias antes da assinatura do Armistício. A avó dizia que o meu pai tinha sido um homem corajoso e, quando estávamos sozinhos em casa, mostrava-me as suas medalhas. O meu avô raramente se pronunciava sobre o que quer que fosse, mas também era surdo que nem uma porta, por isso era capaz de não ouvir as perguntas.

O único outro homem de quem me consigo lembrar era o meu tio Stan, que costumava sentar-se à cabeceira da mesa ao pequeno-almoço. Quando ele saía de manhãzinha, seguia-o muitas vezes até às docas da cidade, onde ele trabalhava. Cada dia que passava no estaleiro era uma aventura. Navios cargueiros vindos de paragens distantes a descarregar a sua mercadoria: arroz, açúcar, bananas, juta e muitas outras coisas de que nunca ouvira falar. Quando os porões ficavam vazios, os estivadores carregavam-nos com sal, maçãs, estanho e até carvão (o que eu menos gostava, porque era uma pista óbvia do que eu tinha passado o dia a fazer e deixava a minha mãe aborrecida) antes de voltarem a partir sabe-se lá para onde. Eu queria sempre ajudar o meu tio Stan a descarregar qualquer navio que ali tivesse aportado naquela manhã, mas ele limitava-se a rir, dizendo: «Tudo a seu tempo, rapaz.» Não via a hora de o fazer, mas depois, sem aviso, a escola meteu-se de permeio.

Quando tinha seis anos, mandaram-me para a Escola Primária de Merrywood e eu achei que era uma pura perda de tempo. Para que servia a escola, se eu podia aprender tudo o que precisava nas docas? Não me teria dado ao trabalho de voltar no dia seguinte, se a minha mãe não me tivesse

arrastado até ao portão, deixado lá e voltado às quatro da tarde para me levar para casa.

Eu não percebia que a minha mãe tinha outros planos para o meu futuro, que não passavam por me juntar ao tio Stan nas docas.

Quando a minha mãe me largava lá todas as manhãs, eu deixava-me ficar pelo pátio até ela desaparecer e depois punha-me a andar para as docas. Tratava de estar sempre junto ao portão da escola quando ela voltava à tarde, para me vir buscar. A caminho de casa, contava-lhe tudo o que tinha feito na escola durante esse dia. Era bom a inventar histórias, mas a minha mãe não tardou a descobrir que não passavam de histórias.

Havia mais um ou dois rapazes da minha escola que também costumavam andar pelas docas, mas eu mantinha-me longe deles. Eram mais velhos e maiores, e costumavam bater-me quando lhes aparecia no caminho. Também tinha de estar atento ao senhor Haskins, o capataz, pois quando me encontrava a rondar, para usar a sua palavra favorita, mandava-me embora com um pontapé no traseiro e a ameaça:

— Se te volto a ver a rondar por aqui, meu menino, faço queixa ao diretor da escola.

De vez em quando, Haskins decidia que me tinha visto demasiadas vezes e eu era denunciado ao diretor da escola, que me batia com o cinto antes de me recambiar para a minha sala de aulas. O meu professor, o senhor Holcombe, nunca dizia que eu não tinha aparecido nas aulas, mas ele era demasiado brando. Sempre que a minha mãe descobria que eu tinha feito gazeta, não escondia a sua fúria e suspendia a minha semanada de meio-dinheiro. Mas apesar do soco ocasional de um rapaz mais velho, das tareias com o cinto do diretor da escola e da suspensão da semanada, mesmo assim não conseguia resistir ao chamamento das docas.

Só fiz um verdadeiro amigo enquanto «rondava» as docas. Chamava-se Old Jack Tar e vivia numa carruagem de comboio abandonada, na ponta dos barracões. O tio Stan disse-me para me manter longe dele, porque era um velho vagabundo estúpido e sujo. Não me parecia assim tão sujo, seguramente não tanto como Stan, e não foi preciso muito tempo para descobrir que também não era estúpido.

Depois de almoçar com o meu tio Stan, ou seja, dar uma dentada na sua sanduíche de *Marmite*, roer o caroço da maçã que ele punha de lado e beber um gole de cerveja, regressava à escola a tempo de jogar uma partida de futebol, a única atividade em que achava que valia a pena estar presente. No fim de contas, quando terminasse os estudos, ia ser capitão do Bristol City ou construir um navio para dar a volta ao mundo. Se o senhor

Holcombe ficasse de boca calada e o capataz não me denunciasse ao diretor da escola, podia levar muitos dias até ser descoberto, e desde que evitasse os barcos do carvão e estivesse sempre ao portão da escola às quatro da tarde, a minha mãe nunca iria perceber.

Sábado sim, sábado não, o tio Stan levava-me a ver o Bristol City em Ashton Gate. Aos domingos de manhã, a minha mãe costumava levar-me à igreja de Santa Natividade, algo a que não conseguia arranjar forma de escapar. Assim que o reverendo Wells dava a bênção final, ia a correr até ao parque e juntava-me aos meus amigos para uma partida de futebol antes de voltar para casa a horas de almoço.

Quando tinha sete anos, era óbvio para qualquer pessoa que soubesse alguma coisa de futebol que eu nunca iria entrar na equipa da escola, quanto mais ser capitão do Bristol City... Mas foi nessa altura que descobri que Deus me tinha dado um pequeno dom e que não tinha nada que ver com os pés.

Para começar, nunca notei que quem se sentava ao meu lado na igreja ao domingo de manhã parava de cantar sempre que eu abria a boca. Nem teria pensado duas vezes nisso, se a minha mãe não tivesse sugerido que eu me juntasse ao coro. Ri desdenhosamente; no fim de contas, toda a gente sabia que o coro era apenas para raparigas e maricas. Teria posto a ideia imediatamente de lado se o reverendo Watts não me tivesse dito que os meninos do coro recebiam um dinheiro pelos funerais e dois pelos casamentos; foi a minha primeira experiência de suborno. Mas mesmo depois de ter concordado com relutância em fazer um teste vocal, o diabo decidiu pôr um obstáculo no meu caminho, na forma de Miss Eleanor E. Monday.

Eu nunca me teria cruzado com Miss Monday, se ela não fosse a professora do coro da igreja de Santa Natividade. Embora medisse apenas um metro e cinquenta e sete e desse a impressão de poder ser levada por uma rajada de vento, ninguém tentava fazer farinha com ela. Tenho a sensação de que até o diabo teria medo de Miss Monday, porque o reverendo Watts de certeza que tinha.

Concordei em fazer o teste vocal, mas só depois de a minha mãe me ter avançado o dinheiro equivalente a uma mesada. No domingo seguinte, pus-me na fila com uma série de outros rapazes e esperei que me chamassem.

— Terão de chegar sempre a horas para os ensaios do coro — anunciou Miss Monday, fitando-me com um olhar penetrante. Fitei-a com ar desafiador.

— Nunca abrirão a boca, a menos que falem convosco. — Nem sei como consegui ficar calado. — E durante a missa, estarão sempre concentrados. — Anuí com relutância. E depois, que Deus a abençoe, deu-me uma escapatória. — Mas o mais importante de tudo — declarou, pondo as mãos nas ancas —, daqui a doze semanas terão de passar num teste de leitura e escrita, para eu ter a certeza de que são capazes de interpretar um hino novo ou um salmo desconhecido.

Fiquei satisfeito por ter caído logo na primeira barreira. Mas como estava prestes a descobrir, Miss Eleanor E. Monday não desistia facilmente.

— Que composição escolheste para cantar, rapaz? — perguntou-me quando cheguei ao primeiro lugar da fila.

— Não escolhi nada — disse-lhe eu.

Ela abriu um livro de cânticos, passou-mo para a mão e sentou-se ao piano. Sorri ao pensar que ainda era capaz de chegar a tempo para a segunda parte do nosso jogo de futebol das manhãs de domingo. Ela começou a tocar uma melodia conhecida e, quando vi a minha mãe dardejear-me um olhar da primeira fila de bancos, decidi que era melhor levar aquilo até ao fim, para a deixar contente.

— *Todas as coisas boas e belas, todas as criaturas grandes e pequenas. Todas as coisas sábias e maravilhosas...* — Tinha aparecido um sorriso no rosto de Miss Monday muito antes de eu chegar à parte: — *Deus nosso Senhor fez todas elas.*

— Como te chamas, rapaz? — perguntou ela.

— Harry Clifton, minha senhora.

— Harry Clifton, virás aos ensaios às segundas, quartas e sextas, às seis em ponto. — Virando-se para o rapaz que estava atrás de mim, disse: — Próximo!

Prometi à minha mãe que chegaria a horas para o primeiro ensaio do coro, embora soubesse que seria o último, já que Miss Monday não tardaria a perceber que eu não sabia ler nem escrever. E teria sido o último, se não fosse óbvio para quem estava a ouvir que a minha voz pertencia a um patamar diferente da de qualquer outro rapaz do coro. Na verdade, no momento em que abri a boca, toda a gente se calou e os olhares de admiração, e até espanto, que eu tão desesperadamente procurara no campo de futebol aconteceram na igreja. Miss Monday fingiu não reparar.

Depois de nos ter dispensado, não fui logo para casa, fui antes a correr até às docas, para poder perguntar ao senhor Tar o que devia fazer em relação ao facto de não saber ler nem escrever. Escutei cuidadosamente os conselhos do velhote e, no dia seguinte, voltei à escola e ocupei o meu lugar

na turma do senhor Holcombe. O diretor da escola não conseguiu esconder a sua surpresa quando me viu sentado na primeira fila, e ainda ficou mais surpreendido quando segui atentamente a aula pela primeira vez.

O senhor Holcombe começou a ensinar-me o alfabeto e, dentro de poucos dias, já conseguia escrever as vinte e seis letras, mesmo que nem sempre o fizesse na ordem correta. A minha mãe ter-me-ia ajudado quando eu chegava a casa, à tarde, mas, tal como o resto da minha família, também ela não sabia ler nem escrever. O tio Stan mal conseguia rabiscar a sua assinatura, e embora soubesse ver a diferença entre um maço de *Wills's Star* e *Wild Woodbines*, eu tinha praticamente a certeza de que ele não sabia ler as marcas. Apesar dos seus resmungos inúteis, comecei a escrever o alfabeto em qualquer pedaço de papel que conseguia encontrar. O tio Stan não parecia notar que o jornal rasgado na retrete estava sempre coberto de letras.

Quando já dominava o alfabeto, o senhor Holcombe apresentou-me algumas palavras simples: «cão», «boi», «mãe» e «pai». Foi essa a primeira vez que o inquiri acerca do meu pai, esperando que me pudesse dizer alguma coisa sobre ele. No fim de contas, ele parecia saber tudo... Porém, pareceu desconcertado por eu saber tão pouca coisa acerca do meu próprio pai. Uma semana mais tarde, escrevi no quadro a minha primeira palavra de quatro letras, «casa», e depois de cinco, «livro», e seis, «escola». No final do mês, consegui escrever a minha primeira frase: «A raposa castanha e veloz salta por cima do cão preguiçoso», que, segundo o senhor Holcombe, continha todas as letras do alfabeto<sup>1</sup>. Verifiquei, e acontece que ele tinha razão.

No final do período, era capaz de soletrar «cântico», «salmo» e até «hino», embora o senhor Holcombe estivesse sempre a lembrar-me que continuava a não aspirar os *h* sempre que falava. Mas depois chegaram as férias e eu comecei a ficar preocupado, pensando que nunca iria passar no exigente teste de Miss Monday sem a ajuda do senhor Holcombe. E podia muito bem ter acontecido, caso Old Jack não o tivesse substituído.

Cheguei com meia hora de antecedência para o ensaio, na sexta-feira à noite, quando sabia que teria de passar no meu segundo teste, se queria

---

<sup>1</sup> Isto na língua inglesa: «The quick brown fox jumps over the lazy dog». (*N. da T.*)



continuar a ser membro do coro. Sentei-me em silêncio no cadeirado, esperando que Miss Monday escolhesse outra pessoa antes de me chamar a mim.

Já tinha passado no primeiro teste com distinção, segundo as palavras de Miss Monday. Tinha-nos sido pedido a todos que recitássemos o pai-nosso. Isso para mim não era problema, pois desde sempre que me lembrava de ver a minha mãe ajoelhar-se junto à minha cama todas as noites e repetir essas palavras familiares antes de me aconchegar a roupa. No entanto, o próximo teste de Miss Monday viria a revelar-se muito mais exigente.

Por esta altura, final do nosso segundo mês, esperava-se que lêssemos um salmo em voz alta em frente do resto do coro. Eu escolhi o Salmo 121, que também sabia de cor por o ter cantado muitas vezes no passado. *Levantarei os olhos para os montes, de onde me vem o socorro*. Só podia esperar que o meu socorro viesse do Senhor. Embora conseguisse abrir o livro de salmos na página certa, uma vez que já sabia contar de um a cem, receava que Miss Monday percebesse que eu não era capaz de seguir todos os versos, linha por linha. Se foi isso que aconteceu, ela não o deu a entender, pois continuei no cadeirado do coro durante mais um mês, enquanto dois outros hereges — a palavra é dela, eu só soube o significado no dia seguinte, quando perguntei ao senhor Holcombe — foram mandados de volta para a congregação.

Quando chegou a altura de fazer o terceiro e último teste, eu estava pronto para isso. Miss Monday pediu àqueles que restavam que escrevessem os Dez Mandamentos na ordem correta sem consultar o Livro do Êxodo.

A maetrina fez vista grossa ao facto de eu ter posto o roubo à frente do homicídio, de não saber escrever «adultério», e muito menos o que isso significava. Só depois de outros dois hereges terem sido dispensados sumariamente por ofensas menos graves é que me apercebi de quão excepcional devia ser a minha voz.

No primeiro domingo do Advento, Miss Monday anunciou que tinha selecionado três novos sopranos — ou «anjinhos», como o reverendo Watts tinha o costume de nos descrever — para se juntarem ao coro, tendo os restantes sido rejeitados por terem cometido pecados tão imperdoáveis como conversar durante o sermão, chupar um rebuçado e, no caso de dois rapazes, terem sido apanhados a jogar à castanha durante o *Nunc dimittis*.

No domingo seguinte, aperaltei-me com uma longa sotaina azul com gola de folhos branca. Fui o único a ter autorização para usar um medalhão

de bronze com a Virgem Maria à volta do pescoço, para mostrar que tinha sido selecionado como soprano solista. Teria continuado a ostentar orgulhosamente o medalhão no caminho de regresso a casa, e até o teria levado para a escola na manhã seguinte, para me exhibir junto dos outros rapazes, se Miss Monday não o recuperasse no final de cada missa.

Aos domingos, sentia-me transportado para outro mundo, mas receava que aquele estado de delírio pudesse não durar para sempre.